Data: 02-07-2021

Título: O novo totalitarismo

Pub:

OBSERVADOR ••



Tipo: Internet Secção: Nacional



Rui Ramos Colunista do Observador

O novo totalitarismo

O activismo "woke" não consiste numa qualquer libertação, mas na mais audaciosa proposta de aumento do poder do Estado no Ocidente desde os totalitarismos dos anos 1930.

02 jul 2021, 01:00135

O <u>Tribunal Constitucional</u>, por maioria, considerou que a propaganda nas escolas da ideologia associada à "autodeterminação da identidade de género" não podia resultar de uma mera medida administrativa. O facto de o governo ter pensado o contrário revela o carácter autocrático do activismo "woke" que inspira essas iniciativas. Muitos dos seus temas — a "construção social dos sexos", o "racismo sistémico", o "patriarcado", etc. — surgiram na "contra-cultura" da década de 1960, mas este não é um movimento vindo de baixo. Nas universidades, é conduzido pelos professores; na economia, é apoiado pelas grandes multinacionais; na sociedade, é popular entre as elites; na comunicação social, é promovido pelos órgãos ditos "de referência". É um movimento do poder estabelecido, e tem como objectivo a intensificação do controle da sociedade por esse poder.

Para compreendermos o "wokeism", temos de começar por notar que não há hoje qualquer divergência política significativa nos países ocidentais sobre a liberdade e a igualdade no que diz respeito a opções sexuais, modos de vida ou minorias étnicas. Todas as constituições proíbem discriminações com base em tais pressupostos (sim, até a da Hungria). As sondagens de opinião sugerem maiorias consistentes nesse sentido (por exemplo o Minorities Report 2017 da ILGA-RIWI Global Attitudes Survey). A discussão, portanto, não tem a ver com direitos, mas com outra coisa: a visão do mundo em que, segundo o activismo "woke", devem estar fundados esses direitos, e o papel do Estado na promoção dessa muito particular visão do mundo.

Para a maioria das pessoas, esses direitos correspondem naturalmente à igualdade e à tolerância que deve existir entre seres humanos pacíficos numa sociedade decente. Para o

O novo totalitarismo 02-07-2021 INTERNET 1 de 3

Data: 02-07-2021

Título: O novo totalitarismo

Pub.





Tipo: Internet Secção: Nacional

movimento "woke", não. Para um "woke", as minorias (sexuais ou étnicas) nunca serão verdadeiramente livres apenas pela tolerância, ausência de discriminação legal ou igualdade de direitos. Só serão livres quando a sociedade em que um dia sofreram discriminação for desmantelada e as suas normas e tradições erradicadas. Por exemplo, quando todas as identidades, mesmo as que parecem derivar de dados biológicos, forem concebidas como "construções sociais" (como pretende a "autodeterminação da identidade de género"); quando as relações familiares estiverem deslegitimadas como meros exercícios de violência; ou quando a memória histórica das nações tiver sido devidamente apagada, e os países ocidentais forem reduzidos a uma espécie de aeroportos internacionais, onde todos passam e a que ninguém pertence.

Para obter esse resultado, o movimento "woke" não conta com a opinião pública, mas com a coerção do poder político. Para os "woke", é ao Estado que compete impor a "autoderminação da identidade de género", promover a deslegitimação da família, zelar pelo apagamento da memória histórica, e vigiar a linguagem. Não estamos perante uma libertação, mas perante a mais audaciosa proposta de aumento do poder do Estado no Ocidente. A autonomia do indivíduo e da sociedade perante o poder político dependeu sempre do facto de haver coisas que se supunha estarem para além desse poder. Por exemplo, a natureza, isto é, aquilo que é dado na experiência humana, ou a história, isto é, aquilo que foi elaborado pelos seres humanos ao longo de muitas gerações. É precisamente isso que agora se pretende suprimir a golpes de *Diário da República*: tudo deve ser refeito pelo Estado, tanto a natureza como a história. A este tipo de projectos, nos anos 1930, chamou-se muito apropriadamente "totalitarismo" — no sentido de uma política que se pretendia "total", não deixando nada fora do seu alcance, na esfera pública e na esfera privada.

A primeira base do movimento está na extrema-esquerda, que desde 1989 procura ressuscitar a revolução. Por aí, não há novidade. O que é inédito é o apoio que encontrou na esquerda moderada. Há umas décadas que esta esquerda sente que, perante a evolução demográfica e a escalada das dívidas públicas, não tem bons argumentos para defender os seus modelos sociais. Podia ter arranjado outros. Preferiu constranger o debate público, através da desqualificação e do "cancelamento" do adversário. Rendeu-se deste modo à "guerra cultural" e fez da extrema-esquerda a sua tropa de choque. É uma estratégia de poder. Explora cinicamente a confusa mentalidade pós-cristã das classes médias, a quem dá jeito acreditar que, para usufruírem as suas riquezas com boa consciência, agora que o padre já não as absolve dos pecados, lhes basta saberem usar os pronomes certos para se referirem a uma "pessoa não binária".

O movimento "woke" tem dois aspectos de que vale a pena falar. O primeiro é o de uma nova divisão social, entre a elite "woke" e aqueles a quem Hillary Clinton chamou "os deploráveis". As classes mais pobres e menos qualificadas constituem o relicário dos costumes e das tradições que é preciso eliminar. O "povinho" menos qualificado já perdeu o emprego com a globalização. Agora, deve também perder as suas referências culturais. No imaginário "woke", a populaça está na situação dos "indígenas" das antigas colónias,

O novo totalitarismo 02-07-2021 INTERNET 2 de 3

Data: 02-07-2021

Título: O novo totalitarismo

Pub:





Tipo: Internet Secção: Nacional

forçados a "assimilarem-se" à nova "civilização" no caso de desejarem ser tratados como iguais. À resistência dos novos "indígenas", chama-se agora "populismo".

O segundo aspecto é propriamente político. Durante anos, esquerda e direita discordaram sobre o tamanho do Estado, mas estavam geralmente de acordo sobre coisas como por exemplo os direitos, liberdades e garantias, ou a tradição histórica nacional. O PS promoveu a Expo-98, em que a expansão portuguesa dos séculos XV e XVI foi comemorada, segundo as modas da década de 1990, como "intercâmbio" entre os povos. Foi há apenas 20 anos. Entretanto, a história deixou de ser comum. Hoje, há deputados do mesmo PS que gostariam de destruir o Padrão dos Descobrimentos ou que lamentam que o 25 de Abril não tivesse muito "sangue" e muitos "mortos". A direita já não é "fascista" apenas para o PCP e o BE.

Os pobres de espírito que, à direita, acreditam que a melhor estratégia é renderem-se na "guerra cultural", para depois ganharem a "guerra económica", não percebem o que se está a passar: o tipo de poder político que está a tentar levantar-se através da guerra cultural não vai ser mais "liberal" na economia. O consenso chegou ao fim. Por enquanto, ainda nos mantemos ligados pelas regras do jogo: os governos dependem de eleições, e a legislação tem de respeitar a ordem constitucional. Vai ser preciso defender essas regras.

O novo totalitarismo 02-07-2021 INTERNET 3 de 3